



Das gotas do meu sangue brotam flôres
Pela estrada do azul por onde eu sigo;

Deixa o mundo, abandona seus amores,
Abraça a tua cruz e vem commigo.

Queiroz Ribeiro.

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 2\$400

Semestre 1\$200. Trimestre 600, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregador
acresce o importe das despesas

Extrangeiro—Um anno, 3\$000.

Numero avulso, 60 reis

Numero 196

Braga, 31 de Março de 1917

Anno IV

Bordados
Suissos



directamente da Suíça, 4
franco de porte a domicilio!

Peçam hoje mesmo a nossa colleção contendo 70 figurinos novos com amostras bordadas, representando de modo muito exacto a execução maravilhosa dos nossos bordados afamados, assim como os nossos catalogos de bordados para roupa branca, collares e lenços d'assoar com verdadeiro bordado suíço.

Esta colleção é enviada franca contra a remessa d'um sello de 5 centavos.

A escolha comprehende blusas e vestidos para senhoras, e bordado sobre sedas novidades desde frs. 3.90

meninas e crianças em Cambraia, Veo, Crêpe, U. gandie, Linho, etc. e bordado sobre sedas novidades desde frs. 3.90 Os nossos bordados, como não são bordados, podem ser confeccionados facilmente sobre todos os padrões.

Ao mesmo tempo oferecemos a nossa colleção das ultimas novidades em sedas para vestidos e blusas: Tafeta, Crêpe, Charmeuse, Gabardine, Eoliense, Fália, Cotele, Veo, etc., cambraia, suíssa 120 cm de largura desde frs. 2,50 o metro. Grandissima escolha sobretudo em preto, meio luto, assim como em branco e côr. Esta colleção é igualmente enviada franca contra a remessa d'um sello postal de 5 centavos.

Schweizer & Co. Lucerne, 82
(Suíssa).
Casa Suíssa — Mercadorias Suíssas.



Livraria e Papelaria CRUZ & COMP.^A (Editores)

121, Rua Nova de Sousa, 133--BRAGA
Telephone n.º 29 Telegrammas:—**CRUZ LIVRARIA**—BRAGA
Casa fundada em 1888

Editora de muitos livros approvados e adoptados em todo o paiz, para o ensino primario, normal, secundario e superior e de muitos volumes religiosos, litterarios, etc. etc.
Remette-se o catalogo a quem o requisitar.

BANCO POPULAR PORTUGUEZ

SEDE NO PORTO:

46—Rua do Loureiro—48

Com representação em todo o paiz
e no estrangeiro

ABRE BREVEMENTE

Paramentaria, Sirgaria e
Artigos militares

—DE—

RIBEIRO DE CASTRO & VILLELA

99, Rua do Souto, 101

MISSAES

BRAGA

BREVIARIOS

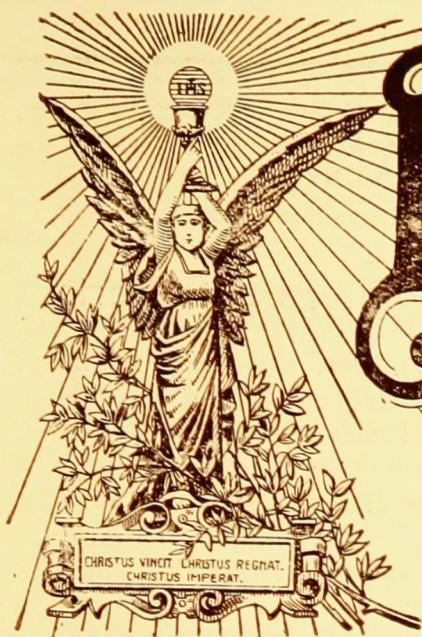


ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Velloso

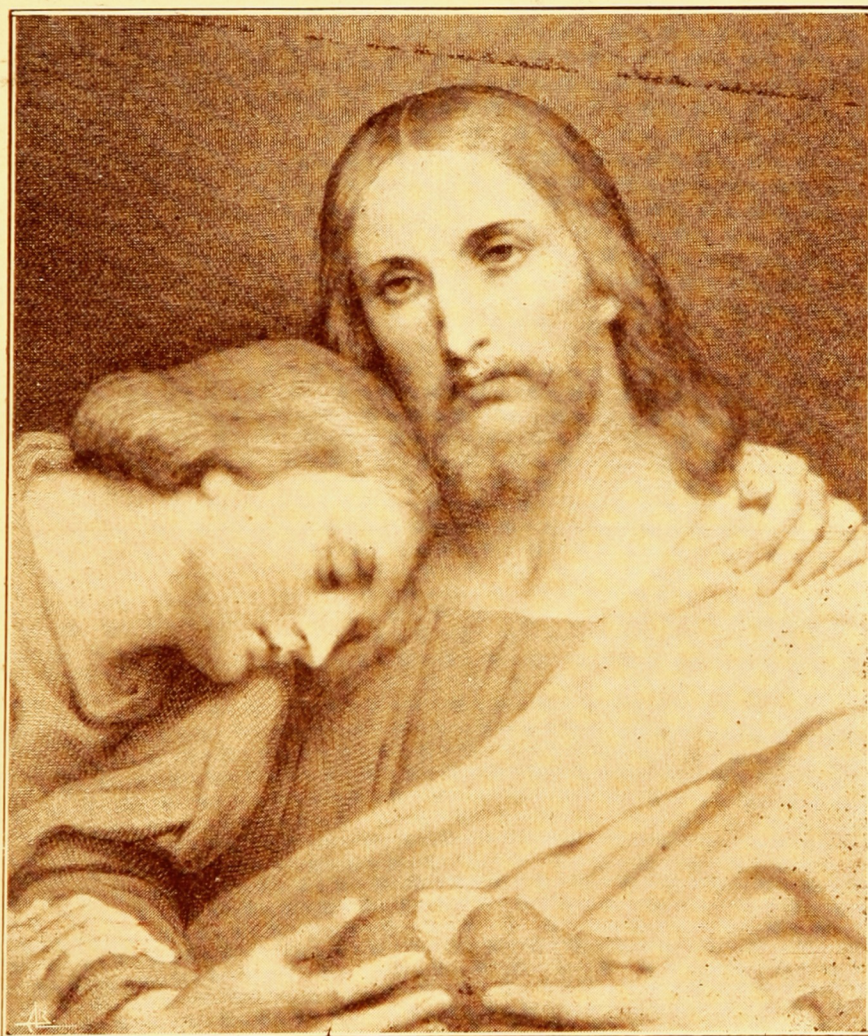
EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos P. Peixoto.

Braga, 31 de Março de 1917

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 19 — Anno IV



JESUS CHRISTO E S. JOÃO

Quadro de A. Scheffer.

CHRONICA DA SEMANA

Para o Calvario

NA opacidade da noite que de lés a lés envolve a terra inteira, ainda não surgem tímidos, empallidescentes e suaves os dilúculos mensageiros da manhã. Espero, continuando a leitura d'umas paginas de guerra dilacerantes. . . . Subito um claror difuso e largo se esboça e a cidade destaca-se n'uma silhuêta dentada, irregular, sobre o immenso fundo rösiclér do céu. Ouço pipilos hesitantes no arvorêdo da rua, ainda em meia-sombra. A manhã vae subindo. E aqui, além, dos campanarios dispersos vôm e revôm timbrados, finos, os sons dos sinos atravez das vibrações da luz que nasce.

Durante todo o dia, aquellas paginas de guerra, duras e resignadas a um tempo, me revolvem a alma e rasgam clareiras de martyrio no meu espirito.

De tarde, as egrejas estão cheias de povo. Descem dos pulpitos palavras de conforto e de fé enquadrando a evocação comovedora do sacrificio de Jesus, nos visos do Calvario . . .



A Ceia do Senhor

Quadro de Leonardo Vinci.

Semana Sancta! Na Missa, ao erguer a Deus, visionando todos os lares que a guerra visitou, a ascensão das tantas lágrimas em préce, o estalido sêcco das gargantas sem pão, todos esses milhares de familias nossas em ancias e em dôr—eu senti todo o sacrificio expiatorio da patria, consumado em frente do sacrificio expiatorio da Cruz!

E' uma licção cheia de côres vivas e de significado profundo, esta que eu quisera vêr penetrando todos os peitos do Portugal de hoje que accorda attonito, aturdido, ao estalar das fibras do coração a que uma ficticia paz de modorra doentia dêra a quiétude não-te-rales dos que esqueceram o caminho da vida e da verdade, em Jesus Christo.

Annos e annos, de corroimento pérfido, por um phenómeno de endosmóse moral venenosissima, fallava-se aqui, n'este rincão da velha Iberia que ganhára historico relêvo, ao sol de Deus, fallava-se, ora digo, de religião nos balcões do commercio, e nas transações commerciaes, a religião transigia . . .

Um bello dia, viu-se que este povo que parecia catholico, que se conservava enquadrado na vida catholica, que tinha egrejas monumentaes de gloria christã e de epopeia e ermidas e capellinhas a cantar na pompa dos arvorêdos e dos campos ou a rezar baixinho na soidão dos montados e oiteiros de urze brava; este povo que tinha padres avivando apesar de tudo, as práticas e recordações do seu christianismo antigamente puro; este povo ah! não era mais que um cadaver religioso, um montão de poeira tapando em forma de sepulchro e de ruina a carne e a ossatura em que vasquejava

trémulo ainda, ainda! — graças ao Senhor! — um sopro de vida que tanto podia sêr ultimo respiro cansado de quem morre ou germen de uma redempção!

E eis que vem cahindo salutarmente o fogo do céu, o sacrificio, o martyrio, Rôxo como uma chaga? Rôxo como uma aurora!

Semana Sancta! O sacrificio que redimiu o mundo, ensina-nos est'outro que — eu creio! — redimirá a patria.

A dôr sem o alto sentido espiritual da esperança é o descahimento d'alma, a sua abysmação desesperada. Os que soffrem sem a certeza moral de que amanhã o sangue e as lagrimas, a fome e o lucto não gerarão depurada uma raça mais forte e mais christã, mais heroica e mais senhora de si mesma, ardente de zêlo e fria de instinctos máus, — São como aquelles orgulhos fátuos que a fatalidade bárbara, na velha mythologia, cadaverisava para depois de mirrados, desfazer em pó e levar espargidos pelo espaço, n'um turbilhão do vento!

E toda a nossa crise, meus amigos, se diz n'estas palavras; hontem um sceptico sorriso ou uma imprecação; hoje — labios e corações que rezam...

E toda a nossa crise eu vi, n'esta carta e n'este postal do padre tão amigo, que apenas aguardou que a morte viesse cerrar para sempre o olhar paterno, para enviar ao rebanho o mesmo *grande adeus* que elle á hora de partir, de bordo me mandou, beijar a mãe velhinha e os irmãos, e partir, a levar aos nossos queridos soldados o conforto do Crucifixo.

Deus sabe, diz me a carta que me fez chorar — *Deus sabe a sorte, a triste sorte que espera aos meus, se as esmolas dos fieis não lhes accudirem. Mas tenho fé em Deus que eu tanto amo, e a quem tudo, tudo sacrifico e dou!*

Semana Sancta! Recordemos no Sacrificio de Jesus, o Sacrificio que Portugal nos supplica!

Por mim... releio outra vez, como muitas vezes hei-de relêr, aquelle *grande adeus* que elle, o padre e o amigo, me atirou de bordo, quando a massa escura do transporte de guerra, sob as brumas densas da noite, já ia, rio abaixo, a caminho do grande calvario da patria portugueza...

F. V.

Aos pés da Cruz

DIANTE do Senhor, todos são anonymos.

Eu, penitente dos mais esmagados pela culpa, deverei, pois, assignar o meu nome debaixo d'estas linhas rapidas e enternecidas?

Que valeria o meu nome?

O grão d'areia tem por accaso assignatura?

*

Aos pés da Cruz, uma alma. Eis o que basta. O milligramma d'um átomo aos pés de uma arvore que eleva as frondes acima dos astros, E esse corpusculo a evocar saudades. De quando? Do tempo em que foi crente, como creancinha catholica, e bem longe de pensar que a juventude lhe seria abysmo da fé simples e da querida paz da consciencia.

*

Saudades, Senhor! Ah! permittí-m'as Vós que, do Horto ao Golgotha, tantas co-lhestes no estrebuchar das almas! Permitti-m'as, ó Deus, que vêdes bem quanto a minha argila precisa de dôce calor para se não fundir em lama hedionda!

Dêstes-me um coração sensitivo. A luz, o cantico e o perfume são-lhe gratos como forças vivas, Mas tambem porisso a obscenidade, a perfidia, a mentira, o ferem até á angustia de morte.

Tem peccado o meu coração por excessos affectuosos. A sua paixão intima é a fraternidade, deliciosa de arroubos e alados sonhos. E quantas vezes a Carne tem inter-vindo na suggestão infernal de que os sentidos excitados são os anhelos puros do espirito?

Quantas quedas! Quantos suicidios moraes!

Comtudo, a penitencia vem-me sempre da mesma sensibilidade. O que é impuro, visível ou invisível, não infiltra em mim a persuasão, porque me aggride a luz, o cantico e o perfume de que me fizestes amante sem quebra, melindroso paladino, embora nullo como o cicio d'uma folha pendida...

*

Saudades são amores, mas estas, Senhor, vêm da vossa Cruz, de quando a contemplava, com os olhos humidos, soletrando uma celebre poesia de Alexandre Herculano, aquelle que á minha infancia primeiro fallou do Vosso patibulo-throno.

Permillis Vós que as module?

Pobres são os versos.

Falta-lhes a euphonia sagrada das odes immortaes.

Não são torrentes, nem mesmo riachos.

Lembram antes um fio d'agua que borbota na valleta d'uma estrada—e que estrada, cheia de barrancos, batida de procellas, lugubre de horisontes!...

Aos pés da Cruz, aos pés da Mãe Eterna!

O mundo é uma ironia que consterna,

Um sarcasmo a chorar...

E assim, olhando ao longe, vejo, e sinto,

Que já vivi, mas logo fui o extincto

Que é o hereje a imprecisar!

Aos pés da Cruz! O' rude Beira-Alta,

Dá forças á memoria que me falta,

Resuscita esse altar

Onde eu, creança pállida e convulsa,

Parecia uma alma cêdo expuls:

Do seu eterno lar!

Aos pés da Cruz! Sublime está Maria,

Divina de paixão e d'agonia

Astro a emergir do Mar;

E lá no alto o Senhor inclina a fronte,

Como um Sol que hiper-lucido transmonte,

Mas para regressar.

Sou creancinha, e amargamente choro...

Vejo o Senhor, que tanto d'alma adoro,

Ensanquentado, a orar;

E Judas, como um tigre em selva espessa,

A destacar das trevas a cabeça

Com o punhal do olhar.

Vejo o Pretorio e a marcha no Calvario,

Oiço a blasphemia e a injuria do sicario,

Ah! tanto cão a uivar!

Esfarrapa-me a angustia o coração,

Sinto-me pó, mais pó do que é o do chão,

E esforço-me a rezar...

Depois... nuvens, vertigens, a demencia,

A saudade bém soffre e chora; vence-a

A soberba a espumar;

E assim fujo da Cruz por tantos annos,

Até que a dor profunda e os desenganos

M'a dão para beijar!

Aos pés da Cruz! Mas hoje eu fico attônito

Ao ver como augmentou o mundo incógnito,

Sem eu mais me elevar!

E que saudades tenho da ignorancia

Da minha simples e amorosa infancia,

Do seu pequeno altar!

Sabendo mais, eu hoje mais ignoro;

Cheio de nodos, hoje Vos adoro;

Sou nuvem... fui luar...

Saudades! Mas, Senhor, não devo tê-las,

Se eu via sempre o céu com mil estrellas,

Sem um remorso a uivar?

Dáro aqui.

E' excessiva hoje a minha hyperesthesia.

Que mais querem d'esta sombra?

Uma assignalura?

Ahi vae.

NINGUEM.

Vida intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

O follar

MANHÃSINHA, ainda o sol madrugava leve nas veigas do passal, o velho abbade desceu da residencia e todo embrulhado no seu capote de baetão — que abril corria regelado e soalheiro, — tomou para o caminho do monte. Onde iria áquella hora em dia de tanta lida aquelle homem que jámais fugira d'uma cancelleira, ou esquecera um de er nos longos e incertos quarenta annos de pastor d'aquella humilde freguezia do monte? Moço ainda despira o tabardo de donato, quando a revolução varreu feroz as residencias monasticas, e mal passados os dias inquietos de convulsão e desvairamento, viera até alli, offerecer sua ajuda ao

velho abbae, que a idade invalidava e os horrores do liberalismo em triumpho, precipitaram para a cova. E alli ficara sem uma ambição. entregue ao povo que o amava, sem outro desejo que não fosse o bem do seu rebanho, todo votado ás suas rezas e ás suas flôres, . . . Aonde iria, perguntavam-se interessados os raros passeantes d'aquella hora de canceira em todos os lares desempoeirando-se, arrebicando-se, para a visita da tarde. O velho parecia não attender aos que o salvavam na passagem, que a sua alma tocada d'um encanto commovido, lembrava aquelle domingo longinquo d'ha quarenta annos, em que pela primeira vez batera de logar em logar na sua primeira visita paschal. Ha quanto tempo! Quasi todos tinham morrido, quasi todos! Dos velhos d'esse tempo com quem lidara, todos, todos os enterrara já, no velho adro, como se a sua missão se fosse convertendo, para expiação de suas culpas, em ter que encommendar todos aquelles que estimara um dia... Havia os rapazes, as raparigas, hoje velhos já, mas não, não eram aquelles, que o tinham acolhido, que o tinham estimado certo dia, — que em justiça devia dizer que tambem o estimavam agora —mas aquelles, aquelles . . . e subindo pelo monte, o bom abbae ia resando por aquellas almas, algumas lagrimas e alguns Padre-Nossos. De toda essa gente — santa gente afinal— apenas vivia amargurada e só, a boa *Ti'Anna da Zenha*, lá no seu casinhoto do monte, á mercê das esmolas e das recordações. E fôra linda, rica, dona de boas terras de sementeira e vinho, amplo casal, com mattas e devezas, que herdara d'um tio e que o marido desbaratara nas romarias e nas feiras. Fôra n'aquella casa da melhor lavoura do logar, onde annualmente se *matava* e botava teip, que o abbae jantara n'aquelle domingo longinquo. Depois viera a má sorte e tudo fôra na voragem das dividas, dos compromissos, dos dissabores, que quando enviuvou, a pobre *Ti'Anna da Zenha*, mal teve que partilhar com os filhos dois rapazolas valentões já fruidores dos vicios do pae e que emigraram depois. Sózinha, appegou-se ao trabalho e enquanto ponde, andou ao jornal ganhando o seu pão, mas a velhice veio impiedosa, veio a doença, e a santa velha teve que mendigar. Queriam lhe muito n'aldeia, mas a aldeia era pobre e não podia com tão pesado encargo, se a Morgada do Rio não viesse tambem com sua caridosa ajuda. O Abbae mal ganhava para si! Pobre velha! E os annos foram passando, passando, amargurados, incertos. . .



A caminho do Calvario

Quando o Abbae lhe bateu á porta n'aquella manhã de frio, já a boa velha andava espanejando a sua toca, limpando os cacos, arrebicando enfim a moradia para que á tarde pudesse, na sua miseria, receber a visita do Senhor. Cobrira o chão de fruncho e de margaridas desfolhadas e na velha maceira puzera um trapo de toalha antiga, mas fresquinha, cheirosa de campezinios aromas, com dois vidros estallados á laia de jarras, onde murchavam tres ou quatro malmequeres, ao lado d'um pequeno crucifixo que o fumo ennegrecera.

- Eh! *Ti'Anna*. . . Isso hoje é armação rica—disse o Abbae entrando.
- Riqueza de pobre, . . . Dá-se o que se pôde. . . — e triste, lembrando talvez o passado, mordida d'uma íntima recordação, continuou: — Que agora vou-me até á tenda vêr se arranjo o follar.
- Deixe, deixe. . . cortou o padre.
- Não é por V. S.^a, não, que bem sabe que não posso. Mas os mordomos. . . gente nova, sempre repara. . . Depois a casa é tão cá arriba. . . tambem lhes calha alguma coisa. . . que a snr.^a Morgada já me deu. . . Santinha! . . .

O Abbae desembuçou-se então e tirou debaixo do braço uma rosca de pão de ló, toda embrenhada de animaezinhos e flôres d'assucar.

- Ora aqui tem o seu follar. . . Tambem foi a snr.^a Morgada que hontem lá mandou. . . Mas eu não como d'isto. . . e aqui fica melhor. . . Não havia *Ti'Anna* de fazer boa figura!
- Ah! meu senhor! Eu não mereço. . .
- Qual! . . . Ha quarenta annos—lembra-se? — aqui levantei uma igual. . . Hoje deixo-lh'a ficar. . . que tem razão, a gente nova é reparadeira, . . e foi-se para a porta a esconder duas lagrimas que borbulhavam indiscretas. . . A velha chorava tambem.

E ainda n'aquelle anno, a *Ti'Anna da Zenha* poz no trapo da toalha antiga, sobre a maceira velha, a sua rosca de follar como outr'ora no domingo longinquo. . .

Martyrios



QUELLA hora era a do cair da tarde . . .

Como se os prendesse in'imo receio, os lirios abriam a medo, muito a medo o calice virgineo e balsamico, e o céu hesitava entre o claror suave e pallido do crepusculo, e o negrejar horrendo d'aquelle miraculoso eclipse. A natureza, cahia n'uma placidez de coma, depois da convulsão do terramoto, quando Jesus entregara nas mãos do Pae a Alma bemitissima.

Aquella hora era a do cair da tarde . . .

Havia terminado o sangrento drama da Redempção da humanidade: o sangue vertido pelo Justo era o lavacro que abluia todo o genero humano, e a estirpe de Adão podia já

olhar para o alto, porque suspenso entre o céu e a terra, Christo, Homem-Deus, é o Medianeiro entre a Justiça divina offendida e o homem offensor.

Aquella hora era a do cair da tarde . . .

A lua com pallor sinistro vinha-se erguendo brandamente do oriente, banhando de luz merencoria aquelle panorama de infinda desolação. A turba dispersara de assustada, e nas ruas da cidade deicida pairava um silencio de sepulchro. Mas ao pé da cruz estava Maria, oppressa pela dôr de uma amargura sem nome, mas forte, sem um queixume, nem um gemido, offerecendo a Deus o martyrio do seu Filho, e o martyrio que lanceava o seu coração de Mãe. Veio o chefe da cohorte, os soldados quebraram as pernas dos ladrões condemnados, e aquelle rasgou com o ferro da lança o peito do Salvador . . .

Aquella hora era a do cair da tarde . . .

Maria permanecera de pé junto da cruz em que expirara o Filho.

A quem te comparar? ou então a quem
Aqui te poderei assimillar
O' filha da cidade de Salem?
Quem poderá teu pranto acompanhar,
Para te offerecer consolação
Na dôr que vem teu coração rasgar,
O' doce virgem, ó filha de Sião?
Supera o grande mar tamanha dôr
Quem poderá medir-lhe a extensão?



O Bom Pastor

(Lament. II).

E pelas escarpas sangrentas do Calvario sobe a piedade de alguns discipulos e mulheres, trazendo perfumes mortuorios para embalsamar o Corpo divino . . . Já descem do madeiro os preciosos despojos, e reclinam no seio de Maria a fronte que os espinhos haviam trespassado. Uma lagrima lhe borbulha nos olhos, e a lagrima de Maria corre pela fronte divina do seu Filho, e tomba, junto com uma gotta do precioso sangue, até molhar a terra do Calvario.

E então desabrocha uma flor nova que até allí jamais havia aberto o calix ao sopro do zephyro. Branca como a pureza da Virgem, listrada de vermelho do sangue de Jesus, e representando nas petalhas mimosas, nos estames finissimos, os instrumentos da Paixão.

Ao outro dia nascia esplendido o sol. No madeiro da Cruz tinha-se enlaçado uma veigonteia de martyrios.

E' mais que a neve em Nazareth brilhante,
Do que o leite mais branca allí se vira
Vencera no rubor uma imperante
Purpura, e em belleza uma saphira.

(Lament. IV).

J. RIBEIRO COELHO.



Christo em Gethsemani

Ilustração Catholica—Braga.

Quadro de Sr. Hofmann.

A Semana Santa e a Patria

Carta a um velho militar

POR JOSÉ AGOSTINHO.

O meu amigo está em Paris. Prepara-se para pelear pela Patria. As suas cãs precisam ainda d'essa auréola, que pode ser a do martyrio, a da morte pela Bandeira.

Está em Paris, e n'esse Bairro Latino, de que tenho saudades, apesar de o percorrer só durante 12 dias d'um Maio que parecia da Provença, luminoso e cantante como as madrugadas bíblicas. Ah! querida *boulevard Saint-Michel*! Mas quantas mais queridas não são as incomparáveis montanhas da Beira Alta, e eu tenho de deixa-las com os seus toucados de neve, com as suas torrentes, com as suas aguias e rouxinoes, com os seus desfiladeiros, com as suas ermidas!

A Semana Santa surpreende-o ahi. Não é a primeira vez. Creio que em 1902 recebeu o amigo em pleno *boulevard* dos Italianos o sol do dia de Paschoa, e por signal que entre brumas tristes que a velha Lutecia veste a cada passo, como se o tecido dos seus vestuarios devesse ser feito de lagrimas geladas e fluctuantes.

Em 1869 não, porque escreveu de Roma. Tenho na alma as suas impressões enviadas a um santo meu parente.

Entrou na Cidade Eterna pelo imponente portico e praça *del Popolo*, encontrando uma multidão cosmopolita e ardente.

Depois, nos Officios Divinos da Basilica de S. Pedro, em dia de Ramos, viu o sólio do Santo Padre ao pé das magnificas tapeçarias que fechavam a grande nave, perto do tumulo de S. Pedro.

Avistou tambem as duas magestosas tribunas das arcadas lateraes, vendo á esquerda principes e diplomatas e, ladeando a *Confissão de S. Pedro*—onde o grande Apóstolo foi martyrisado bem antes de surgir a Basilica—bellas e distinctas senhoras, predominando-lhes nos rostos aquella incomparavel magestade patricia, que enche Roma de rainhas.

Surpreendeu-o, pela grandeza e pelo sentimento religioso, a Capella Pontificia, no seu grande coreto de baixo da estatua da imperatriz Santa Helena, e ainda mais, o ver entrar o Pontifice na *Sedia Gestatoria*, seguido pela grandiosa comitiva dos cardeaes, paramentados de roxo.

Ah! em 1869 ainda o Papá era livre. S. Santidade benze as palmas, distribue-as,—são tantas! entregues pelo cardeal decano e offerecidas por principes da Igreja, pelo governador de Roma, por innumerous fieis—e, entretanto, a Capella Pontificia, magistral de polyphonia sagrada, canta a antiphona *Pueri Hebreorum*, depois que o principe assistente, seguido pelo auditor da rota, por 2 escrivães da camara e por 2 masseiros, deita agua nas mãos do Santo Padre que recebe logo a foalha de linho nevado, offerecida pelo cardeal decano.

Ah! como o meu amigo descrevia essa cerimonia das Palmas: a Quarta-feira de Trevas na admiravel Capella Sixtina, lendario escriptorio das joias de Miguel Angelo; a Quinta-feira santa com a emergencia do Papa de pluvial branco e de mitra aurifrigia, com o Lava-Pés, com as Matinas; a Sexta-feira santa com a emocionante adoração da Cruz, com a exposição do Santo Lenho na Capella Sixtina; o Sabbado d'Alleluia com a gloriosa missa do Papa Marcello, com a resonancia vibrante do *Laudate Dominum gentes*; e enfim o Domingo de Paschoa, entre os repiques dos carrilhões de perto de duzentos templos, e as salvas do castello de Santo Angelo—antiga *Molle Adriana*—n'uma sucessão de ceremonias venerandas até á Benção Papal, larga, sobrehumana, cheia d'aleitos, indulgencias e reflexos do Ceul.

N'esse anno de 1869, porém, finha o meu velho amigo apenas 16 annos, e servia-lhe de mentor o santo ecclesiastico que, conego da Sé de Lamego, e chamado Coelho Diniz, foi morrer no ultramar missionando.

Hoje tem 64 annos, tem por mentores a consciencia e a fé, não está em Roma, está na Paris que em 1902 ou em 1903 lhe recebeu os últimos e tão estridulos entusiasmos da mocidade romaneca. Ahi o surprehende agora a Semana Santa em vespas de entrar na linha de fogo. Ahi terá saudades da Roma de 1869 e ainda mais do Portugal de sempre, que talvez nunca mais veja.

Rezará muito em Notre-Dame. Irá meditar muito na collina de Montmartre. Viverá seculos n'essas horas pungentes e rapidas, vertigens que gastam de relampago uma existencia inteira.

Mas, se amanhã vae combater pela Patria, creia que continua no campo da batalha a augusta Semana Santa que celebrou nos templos da contricta Paris, ensinada pela guerra.

O seu sacrificio de velho heroico lembra o Calvario e, se morrer despedaçado pela metralha, ser-me-ha licito pensar na inenarravel apothese da morte de Jesus, o Mestre Divino da abnegação.

E sabe porquê, velho e saudoso amigo? E' porque o Senhor dá a Resurreição sempre depois de todos os Golgothas, e, assim como o Christo ascendeu á gloria na terra e no céu, depois do suplicio da mais incomparavel angustia, o meu amigo colherá, se morrer, duas lindas e immortaes palmas— a de defensor da Patria sagrada e a de ardente e commovido filho de Deus, grande na espada e adoravel na cruz.

A Semana Santa!

Que melhor e mais profundo allivio para quem na paixão e na resurreição do Senhor, vê decerto as agonias e a salvação da Patria pela qual se vae bater, desprezando confortos, repellindo as suggestões do sangue enfraquecido, não vendo nem as proprias cãs nem o angelico sorriso dos nefos, anjos que voam e cantam como os da Alleluia!...

Casamento elegante

No santuário do Bom Jesus do Monte realisou-se ultimamente o feliz consorcio da snr.^a D. Joaquina Nogueira Ferraz de Meirelles, gentil e prendada filha do snr. Joaquim José da Rocha Meirelles, empregado superior da Vaccum Oil Company n'esta cidade, com o nosso amigo snr. Luiz Maria da Costa, bemquisto negociante bracarense.



Os noivos

Vão a seguir os «clichés» dos noivos e dos grupos de convidados que assistiram ao auspicioso enlace.

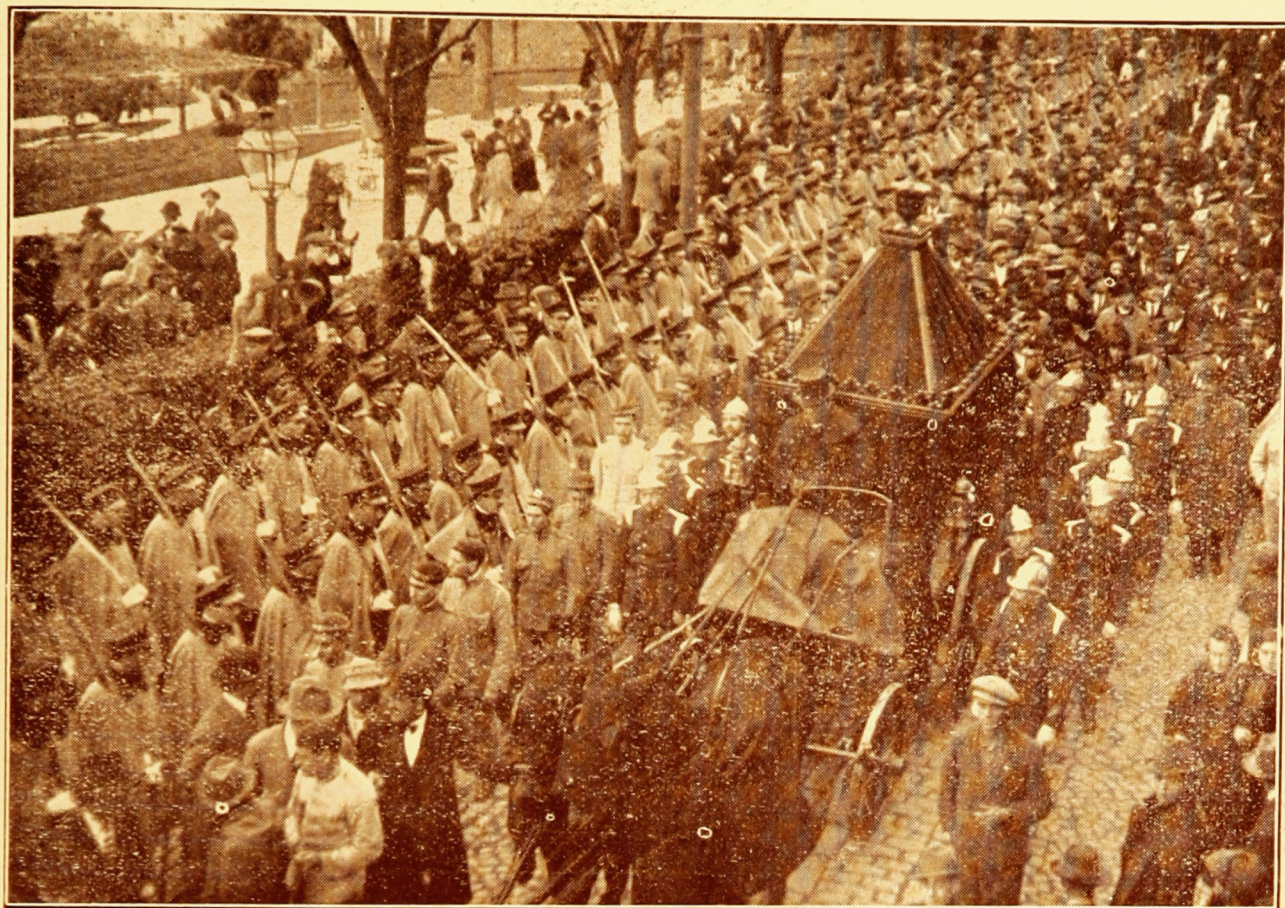


Os noivos e os convidados



Após a cerimonia religiosa

Phot. Belleza



LISBOA—O funeral do snr. dr. Manuel d'Arriaga. O feretro passando na Avenida



BRAGA—A igreja do Populo onde se tem realizado as conferencias nocturnas para homens.
Ao lado o quartel de infantaria 8

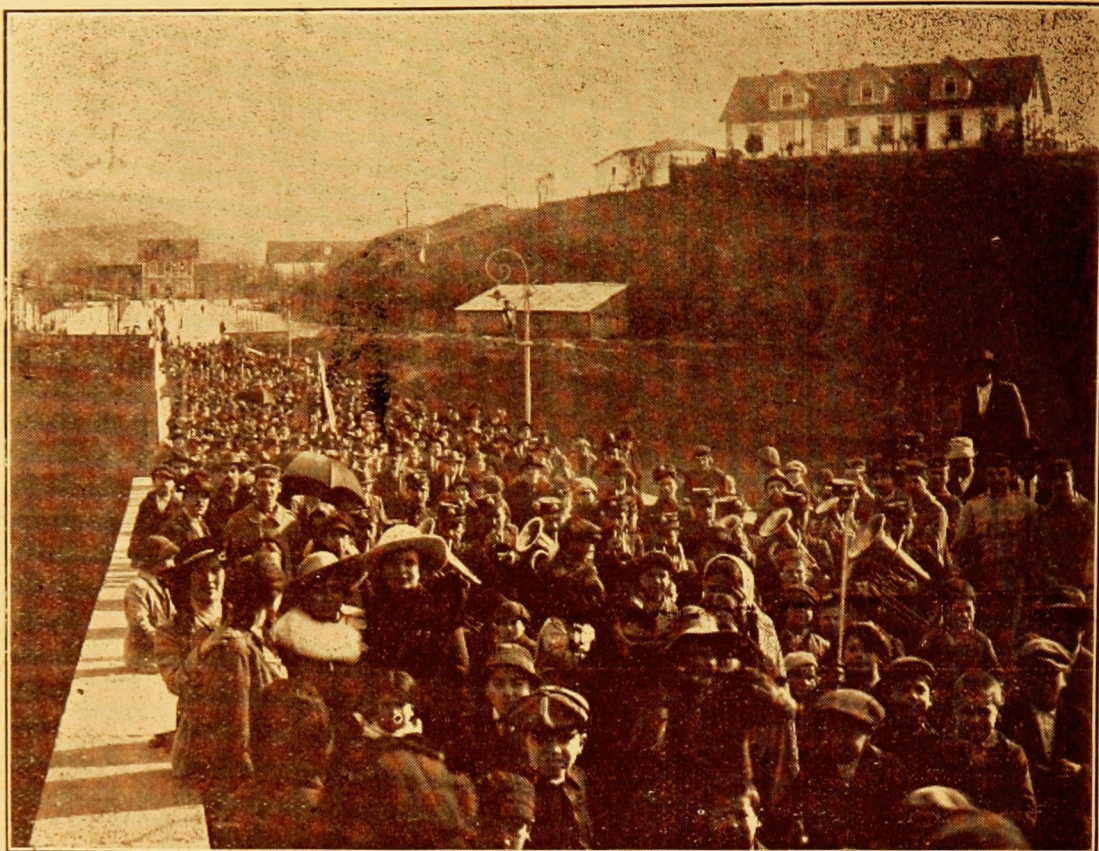
CONFERENCIAS NO POPULO

Durante nove dias, que terminaram em 24 de Março, realizou-se na igreja do Populo uma serie de conferencias apologeticas, para homens, que foram muitissimo concorridas sempre. A's oito e meia horas da noite enchia-se o vasto templo para ouvir a palavra fluente e elegante do Rev. P. Alexandre dos Santos. As confissões foram numerosissimas e no domingo S. Ex.^{ta} Rev.^{ma} o Sr. Arcebispo Primaz celebrou a Santa Missa, e fez uma pratica sobre a Eucharistia, distribuindo depois o Pão Celeste a não menos de um milhar de homens, que assim concluíram tão excellentemente os piedosos exercicios.

Era a madrugada de 24 de Fevereiro. Aglomeravam-se na estação de Braga os normalistas, que, n'uma excursão que tinha só por fim adquirir conhecimentos nas tres provincias porque iam passar — Minho, Douro e Tras os Montes—se dirigiam á linda capital d'esta ultima provincia.

E o comboio fugindo sempre, dá-nos a impressão de que vemos uma fita cinematographica mostrando-nos os campos banhados pelo Souza, pelo Tamega e, enfim, pelo Douro.

Deixa-se o grande Douro e segue-se o pequeno, que é o Corgo, de aguas limpidas, o barulhento Corgo que se vê correr lá em baixo, arremessando-se contra as penedias que,



VILLA REAL—Os alumnos da Escola Normal de Braga sahindo da estação

apesar de grandes são pequenas para lhe tolher a passagem. Chega-se, enfim, a Villa Real, onde esperam os normalistas trasmontanos os da cidade dos arcebispos. Um viva reciproco, um abraço, um sorriso e todos tomam o caminho da Escola Normal. Aqui são esperados pelos alumnos que, abrindo alas, dão passagem aos hospedes minhotos e pelo corpo docente que, pela boca d'um professor, lhes dirige, n'um discurso cheio de eloquencia e vida, as boas-vindas e faz a apologia das excursões, que, como aquella, visam só conhecer as paginas d'este grande livro que é a Terra. Depois do copo de agua, oferecido pelos collegas, todos se espalharam aos grupos, de visita aos lugares que fazem encantadora aquella villa e, á noite, ouviram os seus habitantes o sarau dado pelos excursionistas, em honra das damas villarealenses.



Os normalistas bracarenses e a tuna junto ao edificio da Camara Municipal



A família imperial da Rússia

A REVOLUÇÃO NA RUSSIA—No dia 15 do mez corrente estalou na Rússia uma revolução liberal. O imperador abdicou o throno, sendo nomeado regente, pelos revolucionarios, o Grão Duque Miguel Alexandrowitch.



O imperador da Rússia e o seu antigo estado maior

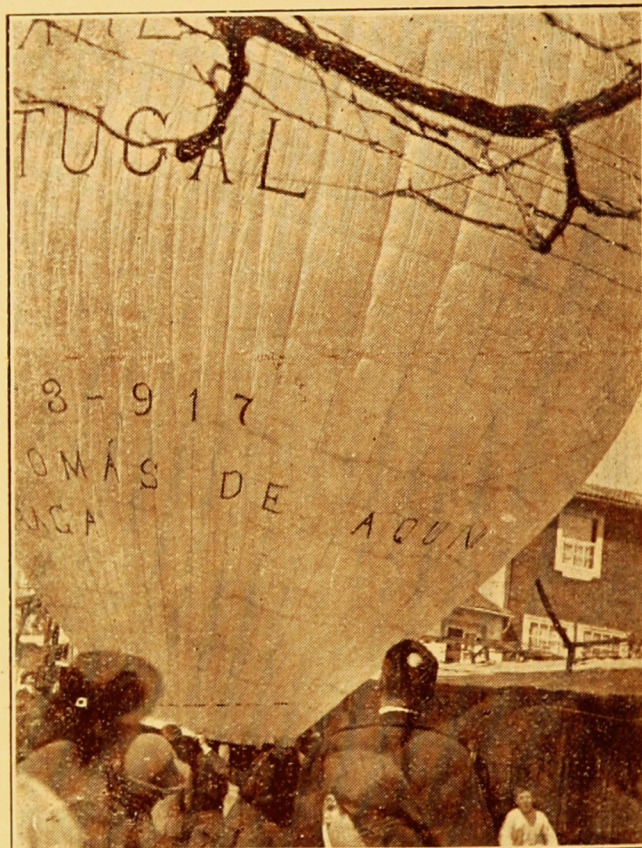


Senhoras da alta sociedade londrina costurando para os feridos da guerra

O grande balão "Nun'Alvares," confeccionado pelos alumnos do Collegio de Santo Thomaz de Aquino, d'esta cidade, durante as horas de recreio



Em preparativos para a sua ascensão



O colossal aerostato antes da avaria, prestes a ascender

LIVROS NOVOS

Paysagem de Orchideas, por Alfredo Dimenta.—Acaba de publicar-se um livro de ver-

sos d'este conhecido escriptor. Tem a par de exotismos de tendencia futurista, e de modernismos, d'après Ruben Dario, todos tão mal casados com a musa portugêsa, versos de melodiosa factura e delicada inspiração. Se a portuguesasse mais o seu escrever, o auctor seria um poeta magnifico como hoje é brilhante—R. C.

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Melo, 41, Lisboa, os seguinte documentos:

- 1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.
- 2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, e n'como não soffre de molestia actual, ou habitual (pallavras textuaes).
- 3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcebispo, ou Ovidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Antonio José de Carvalho, residente na rua de Santa Margarida, 9, 1.º em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Affonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel do Costa Freitas Ribeiro, se residir no concelho de Fimalcção; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parochio de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaça.

OS referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissoes, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocção; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero

A. de Menezes

MANUAL DAS FILHAS DE MARIA (Congregações marianas)

Preços:—Encadernado em carneira, 490; em chagrín, corte doirado, 540 réis.

MANUAL DOS CONGREGADOS DE N. SENHORA

Preços:—Encadernado em percalina, 440; em carneira, 490; em chagrín, corte doirado, 540 réis.

Novas edições, feitas por A. de Menezes, em harmonia com as ultimas regras publicadas.

Franco de porte. Para registo, mais 50 réis por pacote. Os pedidos, acompanhados da respectiva importancia devem ser feitos a ANTONIO GOMES PEREIRA, Calle San Telmo, 21—**TUY**.

BRAGA—Na administração da «Illustração Catholica» rua dos Martyres da Republica.

NO PORTO—Joaquim da Silva e Melo & C.ª—rua do Corpora Guarda, 19 a 21.

Arte e Religião

Officinas de esculptura e entalhador

47—Rua da Fabrica—49

PORTO

Deposito de imagens, sanctuarios, banquetas e todos os mais artigos e aprestos religiosos.

Execução de encomendas para as Provincias, Ilhas, Ultramar e Brazil.

Preços e todas as informações

Pereira d'Abreu & Filhos

SUCCESSOR

José da Silva França

Almanaque de Santo Antonio

(Para 1917)

Está publicado este excellente ALMANAQUE.

A venda nas principaes livrarias e na administração do BOLETIM MENSAL

BRAGA

PREÇOS Brochado, 250
Cartonado, 320

TEIXEIRA DE ANDRADE

Professor da Escola Academica

Rua de S. Marcos, 46

Ensina linguas para o Lyceu.

Escola Normal e Commercio.

Escriptorio de Negócios Ecclesiasticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negócios Ecclesiasticos e Civis. encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos «Echos do Minho», e officina de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com a maxima rapidez, perfeição e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.^e Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA